

A FUNÇÃO HERMENÊUTICA DA "DISTANCIAMENTO" EM PAUL RICOEUR

THE HERMENEUTIC FUNCTION OF "DISTANCING" IN PAUL RICOEUR

Bárbara Tortato

Recebido: 08/2019

Aprovado: 11/2019

Resumo: O subsequente artigo apresenta um recorte sobre a questão da condição de possibilidade da comunicação em Paul Ricoeur, a saber, que ela acontece *na e pela* distância. Para tanto, dedicará um momento para entender este caráter do discurso enquanto uma realização - passando pela questão do *acontecimento* do discurso e do seu *significado*. E fará uma pausa a respeito da importância da composição de um discurso enquanto *significante* - o que resulta na questão de que o discurso se objetiva em uma obra - vira um "objeto" justamente num momento *paradoxal e participativo* em que o leitor sofre uma injunção para significá-lo, diante do que ele mesmo é capaz de projetar de significado conforme é estimulado pelo autor.

Palavras-chave: hermenêutica, discurso, distanciamento, significação

Subject: The subsequent article presents a cutout in the issue of the condition of possibility of communication in Paul Ricoeur, namely, it happens in and through the distance. For these purpose, will be dedicated a moment to understand this character of the discourse as a realization - passing through the question of the happening of the discourse and its significance. And will make a pause in regard of the importance of the composition of a discourse while significant - which results in the question that the discourse is objectified in a work - it turns into a object just in a paradoxical and participatory moment in which the reader suffers a injunction to mean it in the face of what himself is able to project as he is stimulated by the author.

Keywords: hermeneutics, discourse, distance, signification

Introdução

A hipótese sobre a qual Ricoeur trabalha para fundamentar sua teoria do texto e a replicante teoria da leitura é a de que a comunicação acontece *na e pela* distância. Há uma condição de possibilidade comum a qualquer discurso, que é a *distanciamento*. Esta *distanciamento* é criada pela bivalência do discurso: o *acontecimento* por um lado e a *significação* por outro. Isto é, "alguma coisa acontece quando alguém fala" (RICOEUR, Res, p. 111) , o que nos leva

a perceber que o discurso é um *acontecimento*, mas que este caráter eventual não dá conta de toda a caracterização do discurso, e que, só se pode considerar que ele realmente acontece, quando alguém atende à sua injunção de *significar-lhe*. O que cria uma tensão entre *acontecimento* e *significação*, porque se sustentam reciprocamente.

Acontecer e significar

O *acontecimento* é a passagem da língua virtual, um sistema de signos potenciais que se apresenta como linguagem, a uma mensagem ou discurso. Enquanto a língua é um emaranhado de palavras, o discurso é um emaranhado de frases que é criado pela palavra. É apenas enquanto se considera o discurso como tendo uma unidade mínima frasal – e isto acontece em Émile Benveniste – que se pode pensar a comunicação como portadora de significados, porque significados precisam ser interpretados, e para algo ser interpretado precisa estar em um contexto significativo, o que não acontece num sistema fechado de signos no nível da língua, mas apenas no contexto dos símbolos do discurso. É, pois, “a linguística da frase que suporta a dialética do acontecimento e do sentido, de onde parte a nossa teoria do texto” (RICOEUR, Res, p. 111).

O sistema da língua é algo virtual e o discurso o atualiza. Isto é, enquanto o primeiro é atemporal, uma fonte atemporal de conteúdos a serem trabalhados, o evento de trabalhá-la é algo temporal, algo que se realiza temporalmente e no presente. Portanto, o primeiro motivo para se considerar o discurso como um acontecimento é por ele ser esta realização.

Se a estrutura da língua é virtual, então ela dispensa subjetividades, enquanto, por outro lado, o discurso remete a um sujeito que atualiza – e por atualização entendemos que ele interpreta e configura aquilo que está na língua. “O discurso remete para o seu locutor por meio de um conjunto complexo de indicadores, tais como os pronomes pessoais; diremos, neste sentido, que a instância do discurso é sui-referencial” (RICOEUR, Res, p. 112).

Além disso, pelo fato de ser um sistema, a língua possui signos que se relacionam entre si, remetendo-se reciprocamente no interior desta rede que dá sustentação a si mesma. O discurso, por sua vez, é *sobre* alguma coisa: “ele refere-se a um mundo que pretende descrever, exprimir ou representar” (RICOEUR, Res, p. 112).

Logo, a língua não faz que subsidiar a comunicação pretendida pelo discurso. É apenas o discurso que troca mensagens. Este motivo para se considerar o discurso como um acontecimento vai fazer notar de que maneira este acontecimento precisa de um segundo

momento, isto é, que liga o acontecimento à segunda característica, a significação. Citamo-la aqui para esclarecê-la mais adiante. É preciso considerar-se o discurso como acontecimento porque ele pertence a um “constante presente”. Aquele que profere (ou aquilo que contém, no caso da escrita) um discurso, fã-lo acontecer (atualiza conteúdos virtuais em um emaranhado frasal que se refere a algo extralinguístico) e fã-lo porque quer comunicar algo. Ora, comunica-se algo a outrem. O que significa que este outro, o segundo sujeito necessário para que exista comunicação (vamos ver que é ele que se responsabiliza pela significação), vai receber o discurso sempre num tempo presente. É o segundo sujeito que faz o “presente” se tornar característica fundamental da temporalidade do discurso. Agora, entretanto, é melhor nos atermos às características do acontecimento, e a última característica é que este acontecimento é uma comunicação e para tanto precisa de um interlocutor.

Portanto, o discurso é acontecimento porque (1) se realiza *temporalmente* e no *presente*; (2) porque está subordinado a uma subjetividade que o *atualize*, alguém que o *profira*; (3) porque ele se refere ao mundo, ou seja, o discurso *leva* o mundo para a linguagem; e, finalmente, (4) porque um discurso existe graças à necessidade de *comunicação*, e a comunicação é entre dois sujeitos, o que faz do discurso um fenômeno temporal de *troca*.

“Todos estes traços tomados em conjunto transformam o discurso em acontecimento. É notável que eles só apareçam no movimento de realização da língua em discurso, na actualização da nossa competência linguística em performance” (RICOEUR, Res, p. 112).

É quando o acontecimento cria tensão em relação à significação que surge o discurso. Se, por um lado, o discurso se *efetua* ao acontecer, por outro lado – que se opõe sem se separar, criando uma reciprocidade necessária -, o discurso se *compreende* ao significar. O que compreendemos não é o acontecimento. Isto torna-se evidente quando se percebe que o acontecimento é algo fugidio e que precisa se prolongar em uma significação para que seja permanente. “Do mesmo modo que a língua, ao actualizar-se no discurso, se supera como sistema e se realiza como acontecimento, também ao entrar no processo da compreensão, o discurso se supera, enquanto acontecimento, na significação” (RICOEUR, Res, p. 113).

A obra

Um discurso é identificado pela sua *composição*, *gênero* e *estilo*. Ou seja, a linguagem é trabalhada, é um material que vai dar forma a algo, e dar forma é compor. Compõe-se conforme gêneros, isto é, conforme o resultado daquilo que se criou pode-se notar

aproximações comuns com outras formas já existentes. Porém, mesmo que haja uma semelhança genérica também há um caráter sempre individual de uma configuração única dada por um estilo próprio e que faz da obra também um indivíduo.

Mas, ao mesmo tempo, a categoria do autor é uma categoria da interpretação, no sentido de que ela é contemporânea da significação da obra como um todo. A configuração singular da obra e a configuração singular do autor são estritamente correlativas. O homem individua-se ao produzir obras individuais. A assinatura é a marca desta relação (RICOEUR, Res, p. 117).

O discurso, então, dá origem a uma obra, no próprio sentido de "obrar", executar, fazer com a linguagem: o autor de um discurso pode ser chamado de artesão da palavra.

É a presença deste estilo que cria o problema da interpretação: uma obra não pode ser reduzida à “simples inteligência das frases, uma a uma” (RICOEUR, Res, p. 116). É a obra enquanto significante global que vai gerar o fenômeno da interpretação. Isto é, a obra enquanto um todo, e não mais a decifração estrutural de cada frase ou palavra. É no intercâmbio entre as frases, na complementação de significados entre elas, que se faz a compreensão de um discurso, e esta complementação marca o nascimento de uma obra.

A situação da obra é a seguinte: ela é uma estilização (uma interpretação primeira, porque o uso da linguagem é a sua primeira interpretação (por parte de um locutor/autor)) e por ser estilização ganha uma forma particular. Esta forma particular cria uma abertura em si mesma, que é um vínculo com o momento anterior (a de querer dizer algo e, para tanto, estruturar linguisticamente (interpretando e estilizando) este algo) e uma abertura (para aquele que vai receber e criar uma estratégia para a recepção e reestruturação daquilo que foi dito). Como frisamos anteriormente, o discurso “é realizado como acontecimento, mas compreendido como sentido” (RICOEUR, Res, p. 116). A obra é a própria mediação entre estes momentos paradoxais: “entre a irracionalidade do acontecimento e a racionalidade do sentido” (RICOEUR, Res, p. 116). Nas palavras de Ricoeur:

O acontecimento é a própria estilização, mas esta estilização está numa relação dialética com uma situação concreta complexa que apresenta tendências, conflitos. A estilização dá-se no seio de uma experiência já estruturada, mas que comporta aberturas, possibilidades de jogo, indeterminações; apreender uma obra como acontecimento é apreender a relação entre a situação e o projecto no processo de reestruturação (RICOEUR, Res, p. 116).

O discurso, portanto, se objetiva em uma obra – vira um “objeto” justamente neste

momento paradoxal e participativo no qual o conjunto que caracteriza uma obra implica esta extensão do acontecimento em compreensão (reestruturação, interpretação) que fazem do discurso um algo duradouro pela significação que apresenta e não pela sua fugacidade. O discurso só se faz compreensível enquanto é objeto analisável e só se faz objeto analisável quando compreendido.

É este “tornar-se obra” que marca a relação entre composição e compreensão. Os dois momentos são igualmente importantes para que se faça a obra. Isto é, dizer que uma obra é feita é também dizer, em qualquer escala, que a composição é feita e que a interpretação é feita. Ricoeur se preocupa em sublinhar o fato de que a objetivação do discurso (marcado pelo seu momento de significação) não supera, destaca-se ou desvincula-se do seu momento próprio de estruturação (isto é, o momento de constituição do conjunto de frases). Ricoeur sublinha isto justamente porque é esta tensão que marca e diferencia sua hermenêutica, a qual considera que “a explicação é o caminho obrigatório da compreensão. [...] A hermenêutica, diria eu, continua a ser a arte de discernir o discurso na obra. Mas este discurso é-nos dado apenas em e pelas estruturas da obra” (RICOEUR, Res, p. 118).

É nesta relação entre explicação e compreensão, composição e significação, estruturação e reestruturação, que vê-se a interpretação como réplica da distanciação fundamental da linguagem. Um locutor/autor objetiva a si mesmo em obras de discurso, e estas obras só podem ser apreendidas e compreendidas na e pela distância do interlocutor/leitor.

Diante do texto

Não pretendemos aqui entrar no mérito da questão sobre o texto ser um modelo mais adequado para demonstrar a condição da distância da comunicação. Buscaremos nos deter na ideia de reciprocidade entre distanciação e interpretação independentemente da obra que dá origem a este movimento ser uma obra escrita ou falada. Fundamentamos esta escolha porque acreditamos possível justificar a distanciação em qualquer um dos modos de discurso, apesar de ele ser mais notável no texto por motivos de distanciação quanto ao tempo, contexto, local, em que a obra foi produzida e em que foi recebida. Entretanto, o binômio explicação-compreensão, enquanto procura dar conta da estruturação-reestruturação e nota que para tanto está condicionada a este hiato entre intenção mental e atualização de significado, já explicita o problema da comunicação de modo satisfatório.

Em *A função hermenêutica da distanciação* Ricoeur diz:

esta autonomia do texto tem uma primeira consequência hermenêutica importante: a distanciação não é o produto da metodologia e, a este título, alguma coisa justaposta e parasitária; ela é constitutiva do fenômeno do texto como escrita; ao mesmo tempo, ela é também a condição da interpretação (RICOEUR, Res, p. 119)

Sugeriríamos, entretanto, apesar de todas as características de coerção, mostração, gesticulação, pensar que a comunicação falada é também condicionada pela distanciação e condicionadora da interpretação. O texto escrito é, sem dúvida, o paradigma desta distanciação, mas não modelo exclusivo.

Ricoeur liga a ideia de interpretação à reconstrução de um *mundo* que foi sugestionado pela obra. Ao longo de sua filosofia Ricoeur chama esta reconstrução de uma reconstrução do *mundo do texto*, porém, como justificamos mais acima, podemos compreender por *mundo do texto* qualquer *obra* de discurso.

O discurso visa a realidade através das palavras, e visa-a num duplo sentido: visa criar um mundo da obra e simultaneamente cria o mundo dizendo-o - organizando-o, compondo-o, e, como estivemos sustentando até aqui, o que esta criação do mundo liberta é uma proposição de mundo. Fazendo uma injunção ao combate, uma obra faz do seu interlocutor/leitor ao mesmo tempo predador e vítima (RICOEUR, 1997, P. 243).

Ao nos comunicarmos significativamente, ao fazermos de um discurso um fenômeno temporal de troca, estamos recebendo e percebendo aquilo que está diante do discurso, porque o que está por trás do discurso nos é inalcançável. Então o que significa este “diante”? Significa que um discurso projeta algo, diz algo (sobre o mundo) e que o que nos chega desta projeção é aquela parte na qual podemos nós mesmos nos projetar, isto é, aquela parte que somos capazes de reconfigurar, de recompor, de recriar. São nossas capacidades enquanto predadores que nos fazem compreender e habitar este *mundo* que nos vitima enquanto nos sugere uma e não outra configuração, composição.

Se já não podemos definir a hermenêutica pela investigação de um outrem e das suas intenções psicológicas que se dissimulam *atrás* do texto e se não queremos reduzir a interpretação à desmontagem das estruturas, que fica para interpretar? Responderei: interpretar é explicitar o modo de ser-no-mundo exposto *diante* do texto (RICOEUR, Res, p. 121).

O discurso nos submete a uma estilização, como foi nomeada mais acima, o que não permite que se entenda – no outro extremo da tentativa de ter acesso à intenção do autor – a

interpretação como um processo autônomo e portanto completamente desapegado da proposta do autor/locutor. Há uma troca. Há um contato. Um contato *na e pela* distância. Sem a distância não far-se-ia interpretação, e sem a interpretação não haveria contato.

Bibliografia

RICOEUR, Paul. *Do texto à acção*. Porto: Res.

_____. *Temps et Récit I: L'intrigue et le récit historique*. Paris: Seuil, 1983.

_____. *Tempo e narrativa*: Tomo III. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papyrus, 1997.

_____. *Écrits et conférences 2: Herméneutique*. Paris: Éditions du Seuil, 2010.

_____. *O discurso da acção*. Lisboa: Ed. 70, 2013.